

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

X

Nº. de referência: 8 5-56

Título: "A TEMPESTADE"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): SHAKESPEARE, WILLIAM

Adaptador: SILVA, MARIA PEREIRA DA

Realizador: GONZAGA, HORACIO

Locutor: ?

Data de produção: ?

Data de Emissão: 10/1/1977

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
ASSIS PACHECO	PRÓSPERO - DUQUE DE MILÃO
IRENE BRUZ	MIRANDA - FILHA DE PRÓSPERO
GANTO E CASTRO	ARIEL - ESPIRITO DA ILHA
ANTÓNIO MACHADO	CALIBAN - ESCRAVO DE PRÓSPERO
ÁLVARO FARIA	FERNANDO - PRÍNCIPE DE NÁPOLES
ANTÓNIO MONTEZ	GONZALO - SERVO DEDICADO DE PRÓSPERO
JOAQUIM ROSA	ANTÓNIO - IRMÃO DE PRÓSPERO
JOSÉ GOYES	REI DE NÁPOLES

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Lopes

(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

-DIR. ARTÍSTICA - F. GUARADO RIBEIRO

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENCAS

Título do programa *Miniféto - "A Tempestade"* Referência } N.º/R.P.L.
N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas } da gravação *10 de Janeiro* de 19 *77* às *9,15* horas.
da 1.ª emissão de de 19 Programa

Director artístico *Fernando Curado Ribeiro*

F. Ribeiro

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Assis Pacheco</i>	<i>Prospero - d. Dião</i>	<i>D. Pacheco</i>
<i>Irene Cruz</i>	<i>Miranda - f. Prospero</i>	<i>Janeiro</i>
<i>Canto e Castro</i>	<i>Ariel, h.ª. Ilha</i>	<i>Carvalho</i>
<i>António Machado</i>	<i>Caliban, esc. Prospero</i>	<i>António Pacheco</i>
<i>Alvaro Faria</i>	<i>Fernando, p.ª.ª. Ná.ª</i>	<i>F. Faria</i>
<i>António Montez</i>	<i>Forçado, servo Prós.ª</i>	<i>Montez</i>
<i>Joaquim Rosa</i>	<i>Rei de Nápoles</i>	<i>Joaquim Rosa</i>
<i>José Gomes</i>	<i>António, o m.ª. Prós.ª</i>	<i>José Gomes</i>

F. Ribeiro

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor *HORÁCIO GONZAGA*

Locutor

Captação *RUBY ÁVILA*

Gravação

Lisboa, 10 de Janeiro de 1977

Visto do Chefe da S.P.P.

ANÚNCIO PARA A "TEMPESTADE" DE SHAKESPEARE

A Peça que hoje vai para o ar é a adaptação de um dos muitos aspectos que nos oferece a obra "Tempestade" de Shakespeare.

Foca apenas o seu aspecto de Peça-romance, e mesmo esse, reduzido à sua expressão mais simples de história de amor.

Compreende-se que no breve espaço reservado a esta pequena rubrica de teatro, não seja possível orquestrar-se a grande "sinfonia" da "Tempestade".

Daremos hoje apenas o "breve andamento" dos amores de Fernando e Miranda, esperando despertar no ouvinte o desejo de uma próxima adaptação, mais conforme o espírito dessa obra que é a "Tempestade" de Shakespeare, considerada como a sua última obra escrita em 1611.

corresponde à M. S. S. - 3/77
J.

A TEMPESTADE

Um conto de William Shakespeare em tradução e adaptação livre de
Maria Pereira da Silva

Personagens e intérperetes:

Próspero, duque de Milão	Aurora Pacheco
Miranda, filha de Próspero	Isabel Cruz
Ariel, espírito da ilha	Caetano e Castro
Caliban, escravo de Próspero	Antônio Machado
Fernando, príncipe de Nápoles	Alvaro Faria
Gonzalo, servo dedicado de Próspero.....	Antônio Monteiro
Antônio, irmão de Próspero	José Gomes
Rei de Nápoles	João - Rosa

Dir. F. Casado Ribeiro

Sonor - Horácio Couzager
A.T. - Ruby Ávila

original

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º 308	PROGRAMA _____
DATA DE ENTRADA 22/12/76	EMIÇÃO DE ____/____/____
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	_____ HORAS
GRAVAREM 10/1/77	VISTO
HORA 9.15	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

INDICATIVO

A TEMPESTADE

(Som de vagas alterosas, vento, chuva, trovões)

Próspero - Vês aquele navio, Miranda?

Miranda - Ah! Como ele luta com a fúria das ondas! Paizinho, já que conseguiste desencadear esta tempestade, sem compaixão dos desgraçados que estão a bordo! Repara! O navio parece despedaçar-se de encontro às rochas... Com certeza que vão morrer!

Próspero - Não te apoquentes, minha filha! (continua o temporal)

Miranda (aflita) - Oh! Se eu pudesse amainar o temporal, havia de evitar que o navio se despedaçasse e se perdessem as vidas das pessoas que estão a bordo.

Próspero - Não há-de acontecer mal a ninguém. O que fiz, querida filha, foi por ti, pelo muito amor que te tenho.

Miranda - Não compreendo, paizinho...

Próspero - Apenas sabes que sou teu pai, que me chamo Próspero, e sou dono de uma pobre cabana nesta ilha deserta, nada mais...

Miranda - Nem mais pretendo saber. Para quê?

Próspero - Desde os três anos que vives aqui, sem conhecer ninguém a não ser o teu pai; apenas sabendo que existe a cabana que habitas. É tempo de te dar a conhecer a verdade.

Miranda - Já mais de uma vez me tens dito isso, mas, mal comesas a falar, hesitas, dizes que ainda é cedo...

Próspero - Chegou agora a ocasião. (pausa) Quando viemos para aqui, tinhas três anos, de nada te podes lembrar. Ajuda-me a tirar esta capa, minha filha! Vou pôr de lado a magia e contar-te tudo. Pronto, obrigado! Recordas-te de alguma coisa anterior à nossa vinda para aqui?

Miranda - Creio que sim, pai.

Próspero - De que te lembras, então?

Miranda - É tudo tão distante, que me parece um sonho... Julgo ver-me rodeada por várias criadas...

Próspero - Não sonhaste, filha, assim era. Recordas-te de vir para esta ilha?

Miranda - Não, pai, não me recordo de mais nada.

Próspero - Então, vais saber agora: Há onze anos, eu era um príncipe poderoso, e duque de Milão.

Miranda (assustada) - Acaso não sou tua filha?

Próspero - És, sim, querida. A tua mãe era uma princesa virtuosa, que Deus chamou para Si; tu és a nossa única herdeira.

Miranda - Ó meu Deus! Então, como viemos parar aqui? Fomos expulsos dos nossos domínios? Fomos atraíçoados?

Próspero - Isso mesmo. Estamos aqui por uma traição e um milagre.

Miranda - Continua, paizinho!

Próspero - Eu tinha um irmão mais novo, que adorava. A minha paixão pelo estudo e pela solidão, levou-me a entregar-lhe o governo, sem me preocupar com ambições, nem rendimentos. Estás a prestar atenção?

Miranda - Estou, sim pai.

Próspero - Ora, o teu tio António, ao ver-me senhor do que me pertencia, tornou-se mau e ambicioso. Eu dedicava-me aos livros e nada mais queria. Como lhe dei oportunidade, ele foi-se apoderando de tudo. Tornou-se popular entre os ^{meus} subditos e, auxiliado pelo rei de Nápoles, meu inimigo, acabou por usurpar o meu ducado.

Miranda - Um irmão ser capaz de fazer isso!...

Próspero - É verdade, querida!

Miranda - Expulsou-nos de Milão?

Próspero - Minha filha, o meu povo adorava-me e não consentiu. Porém, ele meteu-nos num barco e, quando estávamos no alto mar, fez-nos sair para um barquito sem velas, sem remos, sem mastros, e abandonou-nos, entregando-nos à morte.

Miranda - Como conseguimos escapar e alcançar esta ilha?

Próspero - Um dos meus vassallos e grande amigo, às escondidas, pôs roupas, provisões, água, e até os meus livros preferidos.

Miranda - Gostava de conhecer esse fiel servidor!

Próspero - Devemos-lhe a vida, minha filha!

Miranda - Querido pai, que estorvo devo ter sido para ti!

Próspero - Ao contrário, foste um anjo que me salvou. O teu inocente sorriso animava o meu infortúnio. Os mantimentos escondidos no barco duraram até chegarmos aqui. Depois, a minha distração era ensinar-te, e a minha ciência, a minha boa estrela.

Miranda - Deus te recompensê, querido pai! Agora, explica-me: Por que razão ordenaste esta tempestade?

Próspero - Para que os nosso inimigos não cheguem aqui e nos encontrem. Agora, querida, vai dormir; estás com sono...

- Separador -

Próspero - Toquei-lhe com a varinha mágica no ombro e adormeceu. Preciso falar com Ariel, e não quero que ela oiça. (chama) Ariel!

Ariel - Aqui estou, meu senhor.

Próspero - Conta-me o que se passou. Cumpriste as minhas ordens?

Ariel - Nem que fosse preciso voar ou nadar, tudo faria para satisfazer o meu senhor.

Próspero - Meu bom Ariel!

Ariel - Alcancei o navio do rei e lancei a desordem à proa, na ponte e nos beliches. A tempestade fez estremecer as ondas, e até Neptuno e o tridente tremiam. Os marinheiros estavam horrorizados. O príncipe foi o primeiro a cair ao mar, na presença do pai que, aflito, o via debater-se no meio das vagas.

Próspero - Salvou-se?

Ariel - Salvou, sim, meu nobre senhor. Nem um cabelo lhe falta. Está no extremo da ilha, pensando que o pai morreu afogado. A esquadra, que eu desmantelei, segue rumo a Nápoles; os marinheiros vão convencidos de que o rei morreu no naufrágio.

Próspero - E o rei? E o meu irmão?

Ariel - Estão salvos, chorando a morte do príncipe Fernando. Todos se salvaram e choram a morte uns dos outros.

Próspero - Bem, agora tens outro trabalho.

Ariel - Ainda mais? Permita que lhe lembre, senhor, a promessa que me fez.

Próspero - O que pretendes?

Ariel - A liberdade. Tenho-o servido lealmente; mereço que o senhor cumpra o prometido.

Próspero - Não te lembras já do tormento de que te livreis? Esqueces-te da bruxa Sycorax, que andava dobrada ao meio, sob o peso dos anos e da inveja?

Ariel - Senhor...

Próspero - Onde nasceu ela? Quero saber.

Ariel - Em Argel.

Próspero - Sei que foi deixada aqui por uns marinheiros. Como tu eras um espírito delicado para executar as suas ordens, encerrou-te no tronco de uma árvore, onde te encontrei a gemer. Deves recordar-te que te livreis desse tormento, mas se te esqueceste, depressa te torno lá a meter.

Ariel - Perdão, senhor. Cumprirei o que me ordenar.

Próspero - Vai buscar o príncipe Fernando. Quero que a minha filha o veja. Transforma-te em ninfa; torna-te invisível para todos, menos para mim. Vou acordar a menina... (chama) Miranda! Acorda, filha!

Miranda (despertando) - Ah! Paizinho, a sua história fez-me adormecer.

Próspero - Sacode esse torpor e vem comigo procurar Caliban.

Miranda - Esse teu escravo nunca tem uma palavra amável. Não gosto dele.

Próspero - Não podemos passar sem ele, filha. Traz-nos a lenha... acende o lume, e faz todo o serviço necessário. Ali vem ele...

Caliban - Já pus lenha lá dentro. Vou jantar.

Próspero - Tenho outro serviço a dar-te.

Caliban - Esta ilha pertencia--me e o senhor apoderou-se dela. Quando aqui chegou, tratou-me bem, ensinou-me, e eu comecei a estimá-lo, mas depois... tudo se modificou. Ensinou-me a falar, e amaldiçoou-o.

Próspero - És um escravo indigno, insensível à bondade com que sempre te tenho tratado. Nem sabias falar. Não diferenciavas a noite do dia, e é assim que pagas! Vai buscar mais lenha se não queres que as câimbras te atormentem. Bem sabes que a minha ciência me dá poder para te fazer sofrer esse castigo.

Caliban (à parte) - Tenho que obedecer, não há remédio. Este homem tem um poder que é capaz de fazer vassalo o deus dos pais...

- Separador -
(Música suave)

Fernando - De onde virá esta música? Quando estava sentado na rocha, a chorar a morte do meu pai, a música parecia sair do mar; depois, desapareceu. Agora, parece pairar na atmosfera... vir do Céu ...

Próspero - Repara, Miranda!

Miranda - Como é belo! É algum espírito, paizinho?

Próspero - Não é um espírito, filha. Aquele jovem é um dos que iam a bordo. Perdeu os companheiros e procura encontrá-los. Está desolado.

Miranda - Parece um ser divino. Nunca vi um ente tão belo. Julgava que todos os homens tinham barba e cabelos grisalhos como o pai...

Próspero (À parte) - Tenho esperança de realizar os meus desejos.

- Separador -

Ariël - Siga-me, senhor... (som de música suave)

Fernando - Que jovem tão formosa! Num sítio tão ermo... será a deusa desta ilha encantada? Ah! E esta música...? Tudo me parece um sonho: o naufrágio... o desaparecimento do meu pai... e agora, esta visão maravilhosa! Vou aproximar-me... falar-lhe... (som de passos)

Uma jovem tão bela, por certo é a deusa desta ilha?

Miranda - Deusa?... Oh! ^{Não} Sou uma simples rapariga...

Fernando - Fala a minha língua... Quem me dera estar na minha Pátria!

^{Que} Sou filho do rei de Nápoles, que pereceu afogado.

Miranda - Ah!

Fernando - Morreu o meu pai e todos os que o acompanhavam... o duque de Milão... (som de passos que se aproximam)

Próspero - Deve estar enganado, senhor. (brusco) Uma palavra! Está a usurpar um título que lhe não pertence. Se vem com intenção de também usurpar esta ilha, engana-se!

Miranda (à parte) - Que modos tão bruscos! Porque falará assim o meu pai?

Próspero (brusco) - Siga-me, senhor! Vou amarrar-lhe os pés. Há-de alimentarse de raízes secas e água do mar.

Fernando - Isso, não! Não me amarra, porque hei-de saber defender-me. Tenho uma espada...

Próspero - E eu tenho este pau com que te vou já desarmar! (som de pancada com o pau na espada) Se dás mais uma palavra ...

Miranda (aflita) - Querido pai, não sejas cruel! Tem piedade!

Próspero - Larga-me e cala-te! Ainda me obrigas a pangsar-me contigo. Como só me tens visto e ao Caliban, ficaste encantada com a presença deste jovem, mas podes crer que há muito melhor do que ele. Porque vens advogar a causa deste impostor?

Miranda - Porque lhe chamas impostor, paizinho? Eu não preciso melhor, este jovem agrada-me...

Fernando - Formosa donzela, se tem o coração livre, será rainha de Nápoles.

Próspero - Anda, rapaz! (à parte) Toquei-lhe com a varinha mágica e ficou imóvel.

Fernando - Não sei o que sinto... O naufrágio, a morte do meu pai, a presença desta jovem e as ameaças deste homem... fizeram-me perder as forças... Sinto-me paralisado...

Próspero - Agora já não podes desobedecer-me!

Fernando (voz débil) - Nem tenciono...

Próspero - Vais para a caverna. Anda! (som de passos)

Fernando - Ao menos, se puder todos os dias ver a bela jovem, o seu olhar há-de iluminar a minha prisão.

Próspero - Tens de empilhar aquela lenha toda. Espero que cumpras as minhas ordens!

- Separador -

Miranda - Descanse! Não trabalhe tanto!

Fernando - Os filhos dos reis não estão habituados a trabalhos tão pesados...

Miranda - O meu pai foi estudar para o gabinete e não deve voltar tão depressa. Sente-se e descanse!

Fernando - Não me atrevo a descansar. Devo acabar a tarefa.

Miranda - Se se sentar, eu encarrego-me de levar a lenha. Dê cá!

Fernando - Não. (som de empilhar lenha)

Miranda - O meu pai é bom, tão bom! Não compreendo por que razão é cruel para si.

Fernando - Ainda não sei o seu nome. Como se chama?

Miranda - Miranda.

Fernando - Eu sou Fernando... Sabe? Tenho visto belas mulheres, mas nenhuma que se compare consigo.

Miranda - Eu nunca vi um rosto feminino e, masculino, além do meu pai, só o seu, meu amigo. Ignoro como são os outros, mas creia que não me importo.

Fernando - Eu sou príncipe ou, infelizmente, talvez rei. Só por si é que me sujeito a este rude trabalho. Amo-a e quero-a para minha esposa.

Miranda - Não desejo outro companheiro na vida. Oh! Já falei de mais... Esqueci-me das recomendações do meu pai...

Fernando - Minha querida, aqui tem a minha mão! (Miranda chora) Porque são essas lágrimas?

Miranda - Sou uma pateta! Choro de alegria... Serei sua mulher. Ai, que vem aí o meu pai! (som de passos)

Próspero - Nada temas, minha filha! Ouvi tudo e aprovo esse amor. Fernando, se me mostrei severo, foi para te experimentar. Compenso-te, dando-te o que mais estimo na vida: a minha filha.

- Separador -

Próspero - Ariel, o que se passa com o meu irmão e o rei de Nápoles?

Ariel - Estão salvos, mas receosos pelo que viram e ouviram.

Próspero - Quero saber tudo.

Ariel - Preparei-lhes um óptimo banquete. Porém, mal tinham começado a comer, apareci disfarçado em monstro, com asas, e fiz desaparecer tudo. Censurei-os asperamente pela crueldade que tiveram em se apoderar do ducado de Milão, e em abandonarem o meu senhor no alto mar, com uma inocente criança. Mostrei-lhes que estavam a sofrer o castigo do seu mau procedimento.

Próspero - E eles? Como reagiram?

Ariel - Arreponderam-se. Senhor, pode crer que o seu arrependimento era sincero. Até cheguei a ter pena deles.

Próspero - Vai buscá-los!

Ariel - Perdoa-lhes, senhor?

Próspero - Se tu, sendo um espírito, te condóis, o que posso eu fazer, se sou humano?

Ariel - Vou buscá-los, senhor.

Próspero - ~~Ur~~á-los depressa, meu amigo! Depois, ficarás livre.

- Separador (cruzando com vozes que se aproximam)-

Próspero - Gonzalo, meu fiel servidor, meu leal amigo, não conheces Próspero, duque de Milão?

Gonzalo - Senhor! Que divino poder nos guiou para esta ilha?!...

Próspero - Meu nobre amigo, deixa-me abraçar-te! (pausa) E tu, António?

António - Vivo? Estárei sonhando? Diz-me como te salvaste, ^{meu}irmão?

Rei - Se de facto, és o duque de Milão, perdoa-me! Fui eu que instiguei o António a prejudicar-te. ~~O~~ que não compreendo, é como nos encontramos aqui, tendo naufragado na costa. Ah! Estou bem castigado. Perdi o meu filho... (choroso) O meu único filho...

Próspero - Perdeste o teu filho?

Rei - Caiu ao mar, quando naufragámos, e desapareceu no meio das ondas. A tempestade foi medonha... Vagas alterosas cobriram o navio, varreram o convés e arrastaram o meu querido filho... (chora) que desapareceu para sempre...

Próspero - Após a tempestade, vem a bonança. Não desespere!

Rei - Que posso eu esperar da vida, se me roubou o meu filho!?...

Próspero - Espera! Tenho uma surpresa... (ruído de porta que se abre)

Olha para ali! Repara!

(Ouve-se Fernando e Miranda conversar e rir, a distância)

Rei - Que bela aparição! Aquela jovem parece uma deusa... Mas... o que vejo?

Fernando (grita) - Pai! (passos, correndo) Pai!

Rei - Meu querido filho! Que milagre foi este?... Quem é aquela jovem tão formosa? Foi a deusa que nos separou e nos juntou?

Fernando - Não é uma deusa, senhor; é mortal e, pela divina Providência, é minha. Escolhi-a sem poder pedir a sua aprovação, pai, por julgar que tinha morrido no naufrágio.

Rei - É tua noiva?

Fernando - E, sim, pai! É filha de Próspero, o famoso duque de Milão, em quem tanto ouvia falar. Recebi dele uma vida nova. Ao dar-me a filha, foi para mim um segundo pai.

Rei - É com alegria que a receberei por filha. Soa-me mal pedir perdão ao meu filho, mas devó fazê-lo.

Fernando - Não se fala nisso. Esqueçamos o passado, já que tudo acabou em bem.

Próspero - Abraça-me, António!

António - Perdoas-me?

Próspero - Perdoo. A soberana Providência permitiu que eu voltasse ao meu ducado de Milão e que a minha filha herde a coroa de Nápoles, pois que nesta ilha deserta encontrou o príncipe herdeiro, que por ela se apaixonou.

Gonzalo - Meu nobre senhor, que alegria para este humilde servo!

Próspero - O barco está a salvo, com todos os marinheiros a bordo. Deve levantar ferro amanhã, e eu e a minha filha iremos também.

António - Que figura é aquela que ali vem? tão estranha!...

Próspero - É o meu único servidor. (chama) Caliban!

Caliban - Senhor...

Próspero - Prepara-nos qualquer coisa para comer, e vai buscar refrescos à cave. Não te demores!

Caliban - Vou já...

Próspero - Vou contar-lhes a história da minha vida nesta ilha deserta. Como a magia estava em voga entre os intelectuais, tive tempo de me dedicar a essa nova ciência, que aqui me foi muito útil. É um estudo muito interessante.

- Separador -

Ariel - Caliban, hás-de ser sempre mandrião e ingrato. Anda, avia-te!

Caliban - Só gostas de dar ordens. Bem sei o que tenho a fazer.

Ariel - Obedece ao patrão e não resmungues, senão... eu te ensinarei!

Caliban (resmunga) - Pois sim, pois sim...

Ariel - Sais daqui ou não? Nunca hás-de ter préstimo para nada... Já ali vem o senhor...

Próspero - Ariel, tu que és bom e indulgente para todos, porque és tão severo para o Caliban?

Ariel - Porque ele é mau. não pode negar que é filho da bruxa, daquela malvada! Que quer o senhor? não posso gostar daquele monstro. É o vivo retrato da velha Sycorax, que martirizou todos os espíritos da ilha.

Próspero - Esquece esse tempo de martírio, meu bom Ariel!

Ariel - Se não fosse o senhor... o que seria de mim? De mim e dos outros que o senhor salvou?

Próspero - Não falemos agora nisso. foste um bom servo e, de hoje em diante, ficas livre. Podes ir gozar a liberdade como os passarinhos, em cima das árvores, entre os frutos e as flores. Meu belo e gen-

til Ariel! Podes crer que vou sentir a tua falta.

Ariel - Obrigado, querido mestre! Como deve ser bela a vida em liberdade!

Próspero - Para me despedir do meu mágico poder, vou enterrar todos os livros de magia. Vem ajudar-me, Ariel!

Ariel - Sim, meu senhor. Agora, quero pedir-lhe uma última graça.

Próspero - ~~Que~~ mais desejas?

Ariel - Que me deixe acompanhar o seu barco, com vento a favor.

Próspero - Como poderia negar-te o que pedes? Até sinto prazer em saber que me acompanhas.

Ariel - Muito obrigado, senhór! Muito obrigado!

- Separador -

Próspero - Agora que estamos todos reconciliados, só desejo ver a minha terra natal, retomar o meu ducado e preparar o casamento da minha filha.

Rei - O casamento vai realizar-se em Nápoles, com grande pompa. Quero que fiquem memoráveis as festas das bodas dos nossos queridos filhos. O povo dirá, com rapão, que nunca teve tão bela princesa.

Próspero - O vento está de feição. Podemos embarcar.

Caliban - Senhor!

Próspero - Que queres, Caliban?

Caliban - ~~Que~~ me perdoe... Prometo ser bom para o futuro, e estou arrependido da minha desobediência.

Próspero - Estás perdoado. Fica em paz! Adeus! Já estão à minha espera...
(som de remar)

Ariel - Espíritos da ilha, venham comigo escoltar o navio do nosso salvador! A nossa respiração há-de fazer enfunar as velas para que, com o vento a favor e o mar calmo, a viagem não seja tão demorada e ele alcance a sua terra, como deseja.

Done by Experiment
La Haris Agus